

A terceira mesa da Semana de Jornalismo da PUC-SP abordou o tema da liberdade no esporte e contou com a participação do jornalista Mauro Beting, que atua na imprensa esportiva desde 1990 e, atualmente trabalha na Rede Bandeirantes e no *journal lance!* e seus afiliados, e de João Paulo de Jesus Lopes, dirigente do São Paulo Futebol Clube e ex-Secretário dos Transportes Metropolitanos de São Paulo, cargo no qual atuou até o início de 2011.

Os convidados concederam uma entrevista coletiva aos alunos e professores do Departamento de Jornalismo da PUC-SP, mediada por Sérgio Pinto de Almeida, professor do Departamento.

As respostas acabaram por se aprofundar em assuntos relacionados ao futebol, a especialidade dos entrevistados.

Contraponto – Nota-se que, nas coberturas esportivas em geral, as entrevistas coletivas são compostas de perguntas tão repetitivas quanto às respostas dadas. Buscando uma explicação, isso é falta de sensibilidade dos repórteres ou os profissionais, na sua maioria, não estão preparados pra responder uma questão melhor elaborada? Isso poderia, ainda, se explicar pela existência de imposições feitas por parte dos clubes quanto ao conteúdo dessas respostas?

Mauro Beting – A entrevista coletiva, como qualquer entrevista, consiste em um processo de sedução. Você não pode entrar chutando o balde na primeira pergunta, senão acaba a entrevista coletiva. Deve haver uma dinâmica para tentar extrair a sua melhor resposta.

Mas também depende a quem você vai fazer a pergunta. É preciso saber se colocar. Então, uma pergunta na coletiva tende a ser mais amena do que se fosse em uma exclusiva. Mas, ao mesmo tempo, você tem que entender a capacidade do seu interlocutor de responder a uma pergunta, numa entrevista individual, dependendo de quem é o entrevistado você pode ir mais além.

Há uma questão de falta de preparo às vezes. Ter uma pergunta na cabeça é tão fundamental quanto saber utilizá-la. Não se pode ter medo de levar uma patada do entrevistado; querer agradá-lo.

A gente vê uma imprensa muito carregada de humor: primeiro vem a piada e depois a informação. Até onde vai esse humor no jornalismo esportivo?

MB – Eu acho que o humor sempre vai muito bem e o futebol é muito bem humorado, ainda mais no Brasil, país marcado pelo humor de seu futebol, uma das maiores alegrias do povo: a alegria que o Pelé nos deu, a alegria que outros jogadores brasileiros nos dão. É com esse humor que a gente tem que trabalhar. Mas não dá para ser engraçado todo tempo. Então você tem que ten-

LIBERDADE DENTRO E FORA DE CAMPO

Mauro Beting e João Paulo de Jesus Lopes falam sobre o papel dos clubes e da imprensa no mundo do futebol, para que a paixão pelo esporte não acabe no banco de reservas

Reprodução



“O JORNALISTA É UM PROFISSIONAL COMO QUALQUER OUTRO, A GENTE ENTREGA NOSSO PRODUTO E O FAZ PARA O CLIENTE”

(MAURO BETING)

“O FUTEBOL É UM BARRIL DE PÓLVORA QUE PODE SER INCENDIADO POR CAUSA DE UMA DECLARAÇÃO”

(JOÃO PAULO DE JESUS LOPES)

Reprodução



tar assumir um papel isento, uma coisa com equilíbrio, tentar se equânime.

O maior problema hoje na televisão, ou mesmo na internet, é a gente ter querido ser mais engraçados do que realistas. Tem que ter equilíbrio: não pode se fazer aquela coisa sisuda, mas também não pode ser só entretenimento. Às vezes é escapismo, você contando uma piada foge um assunto mais importante, fugindo dos nossos deveres e obrigações. Não é para fazer stand-up, é para fazer jornalismo. Tem-se feito entretenimento esportivo. Uns mais engraçados e outros menos, mas todos seguindo essa tendência horrorosa.

Em uma transmissão nacional é preciso ter responsabilidade. Diferente do que estão fazendo (na mídia). Algumas brincadeiras internas estão ganhando outras proporções. É só se imaginar no lugar da pessoa que está sendo atingida. Isso é um exercício não só para o jornalismo, mas de vida.

CP – De que maneira a paixão do público pelo futebol pode interferir no trabalho de um jornalista atuante nessa área?

MB – O jornalista é um profissional como qualquer outro, a gente entrega nosso produto e o faz para o cliente. O que não significa dizer que o nosso cliente tenha sempre razão. A gente tem que tentar fazer o melhor trabalho, o mais isento, objetivo; não se limitar a buscar a verdade. O que é verdade? Ainda mais se tratando de futebol. Cada um tem a sua opinião. Não existe verdade, apenas interpretações dela. Ela é facultativa, primeiro deve-se discuti-la, tentar entendê-la, ser plural.

A imprensa fica inventando umas coisas que não se pode fazer. A gente não pode produzir para ganhar ibope, porque, cada vez mais, principalmente as redes de TV abertas, vulgo, escancaradas, estão cada vez mais preocupadas com o índi-



Fotos: Guilherme Zocchio



Reprodução: Quinho

“Ricardo Teixeira está na presidência da CBF desde 1989. Não é por acaso que as coisas estão acontecendo agora, na verdade acontecem há muito tempo, só que todo mundo do futebol fala ‘realmente esses

caras são absurdos!’. Mas estes caras são absurdos há 20, 25 anos. Então nada se imaginava, nada se fazia?”

(Mauro Beting)

“
**O FUTEBOL É UM NEGÓCIO
E, INFELIZMENTE, TEM SIDO
MAIS NEGÓCIO DO QUE
FUTEBOL.**”

(MAURO BETING)

ce de audiência e menos com a qualidade. Se fosse pra atender o interesse do público, nós só falaríamos do Corinthians e do Flamengo. A gente tem que ter respeito ao público, mas não fazer um produto direcionado a ele. Esse é um dos grandes erros da imprensa atual.

CP – Qual a visão de um clube em relação ao uso inadequado de redes sociais, como o Twitter, por seus profissionais contratados? E os jogadores, atualmente estão mais profissionais e menos apaixonados pela camisa?

João Paulo – Nós (SPFC) não temos nenhuma restrição para a forma como nossos jogadores dirigem suas modernas ferramentas de comunicação. Mas, como se trata de uma ferramenta nova, precisam receber orientações dos nossos profissionais de comunicação. No São Paulo, temos dois jornalistas e solicitamos a eles que conversem bastante com os atletas para demonstrar essa força que têm essas novas ferramentas.

O futebol é um barril de pólvora que pode ser incendiado por causa de uma declaração. A gente percebe também que existe certa relação entre o perfil do atleta com um tipo de declaração, isso é da natureza humana. Vocês podem ver um ou outro jogador um pouco mais emotivo, um pouco mais, digamos, arrojado cometendo algum equívoco dessa natureza.

Quanto à segunda pergunta, acho que os atletas estão mais profissionais sim. Até porque temos que levar em consideração que a paixão e a emoção têm que ficar com o torcedor. O profissionalismo hoje é essencial. Afinal, as remunerações de hoje são absurdas, são enormes.

CP – Atualmente o que mais se vê é os dirigentes saírem em defesa de seus clubes e por isso acabam falando demais, expondo o clube de uma forma muito banal. Qual é o limite que o dirigente tem de tentar defender seu clube e como analisar esta defesa?

JP – Eu sempre digo o seguinte: O futebol é basicamente emoção e paixão. Todos são movidos a isso e nós dirigentes principalmente, até porque ninguém ganha para ser dirigente, presidente de clube ou outra função. No futebol brasileiro, esse trabalho é voluntário. Mas, por outro lado, a condição inicial para que você seja um bom dirigente é você não ter paixão nem emoção, tem que ficar reservado ao torcedor.

O nível das diretorias está ficando melhor, até porque o negócio do futebol exige uma profissionalização maior, exige que esses voluntários estejam mais preparados. O SPFC tem um faturamento de 200 milhões por ano hoje, os grandes clubes também têm faturamentos semelhantes, então não dá para dirigi-los de uma forma amadora. Se o foco não for a administração dos negócios, mas a paixão e a emoção, é óbvio que as coisas não vão andar bem. Mas esse nível dos dirigentes ainda está muito abaixo do que a gente espera.

CP – Esse é realmente o melhor momento para o Brasil ceder uma Copa do Mundo?

JP – Um evento como a Copa do Mundo é muito positivo para o Brasil por várias razões. Sempre se entendeu que a realização de uma copa do mundo merecesse investimentos do governo que deixem algum legado para a população. Ou seja, que a segunda-feira seguinte a final da copa do mundo seja um dia em que as pessoas olhem e percebam que foi construído um metrô, um aeroporto, um estádio que será bastante aproveitado. É também muito positivo pela visibilidade que o país tem no mundo inteiro.

O que me dói é ver a farra que está acontecendo. Eu me lembro do Ricardo Teixeira, presidente da CBF, dizendo que de maneira nenhuma seriam utilizados recursos públicos para os jogos da copa de 2014. Hoje, há uma crítica geral porque o governo A ou o governo B não estão colocando dinheiro.

Vejo também com um pouco de preocupação algumas cidades que obviamente foram incluídas no evento politicamente, cidades que não têm nenhuma tradição no futebol, que certamente terão estádios às moscas tão logo termine a copa. E vejo também que algumas mudanças de infraestrutura, que seriam muito benéficas a nós, não estão ocorrendo.

O grande problema do Brasil para a copa do mundo de 2014 não são os estádios, são os aeroportos. Enfim, aquele legado que a gente espera que se deixe, será uma herança maldita.

CP – Diante de tantas revelações e acusações envolvendo a FIFA, o dinheiro público nas questões referentes aos estádios da Copa do Mundo e diante do dinheiro que jorra na indústria do material esportivo e nas transmissões das competições, dá para se falar em liberdade de futebol?

JP – Realmente é algo que preocupa todo mundo nesse sentido hoje e não só nas questões que você mencionou, mas também até pela internet tem uma jogatina desenfreada e muito bem organizada e ramificada, digamos assim, em muitos países. Então, sempre fica uma ponta de dúvida sobre os resultados, sua transparência e se eles seriam realmente obtidos da forma esportiva. Mas eu acho o seguinte: nós aqui no Brasil neste momento não temos este problema. Nossos problemas hoje no futebol são outros. Eu acho que a corrupção no futebol brasileiro não atua dentro do gramado, elas acontecem fora do gramado e não em relação aos resultados.

Vemos grandes negócios por trás da montagem da Copa do Mundo, mas vemos que tem uma estrutura sendo montada de muita podridão. O que sustenta e vai continuar sustentando o futebol é sem dúvida nenhuma a paixão e a emoção que estão envolvidas nele. O esporte já mudou

muito, hoje tem muita divulgação, muita transparência e as coisas parecem ser mais escandalosas, mas eu posso assegurar a vocês que, há 20 ou 30 anos, as coisas eram piores. Muitas coisas aconteceram para melhorar a seriedade do futebol, como a Lei Pelé e o Estatuto do Torcedor.

As pessoas que merecem, sem dúvida nenhuma, acabam chegando ao lugar que lhes está reservado: a cadeia.

MB – Ricardo Teixeira está na presidência da CBF desde 1989; Jack Warner, o homem da Concacaf, está lá desde 1997. Não é por acaso que as coisas estão acontecendo agora, na verdade acontecem há muito tempo, só que todo mundo do futebol fala “realmente esses caras são absurdos!”. Mas estes caras são absurdos há 20, 25 anos. Então nada se imaginava, nada se fazia? Se imaginava, se fazia, mas Wikileaks agora são partes de questões tecnológicas e políticas de um mundo que eu acho que vai melhorar.

Então, de um modo geral, estas velhíssimas lideranças estão sendo varridas pelo tempo em vários países e em várias áreas. Claro que há cada vez mais interesses desinteressantes no mundo dos negócios – e o futebol é um negócio e, infelizmente, tem sido mais negócio do que futebol – está na hora de a gente mudar este jogo. Se o Brasil, que é o “país do futuro”, já está mudando e outros países piorando, o que é um processo natural, a gente vai cada vez mais passar por um processo no mundo e na sociedade que envolve e muito a questão da liberdade.

Não há como, no mundo da internet, a gente imaginar um garrote na informação. A gente está em um mundo de acesso à informação plena, o que jamais tivemos. Hoje você não tem o direito de ser ignorante e, por não ter este direito, você tem cada vez mais acesso a tudo e cada vez mais capacidade de formar um pensamento, eventualmente, de formar uma ideologia e começar, da sala da sua casa, do seu quarto, a mudar um monte de coisa.

Sou otimista, até mesmo com a administração do nosso futebol, e aí voltando a falar daquele retângulo maravilhoso que é o gramado, que nem sempre é do jeito que gostaríamos, diferente do nível FIFA... Como é difícil agradar os homens da FIFA, que é a maior empreiteira do planeta, um grande saco de cimento que quer construir estádios, mais do que realizar eventos. Mas a gente tem um processo muito legal para fazer as coisas mais abertas. Temos, hoje, uma liberdade que provavelmente nunca gozamos em nossas vidas e temos que aproveitá-la. Na minha área (jornalismo), por exemplo, o caminho é ser isento, objetivo e imparcial. Não há, hoje, imprensa menos isenta, menos parcial e objetiva do que a esportiva. Infelizmente.

Reprodução

